

VERA FISCHER “IRRECONHECÍVEL”: a objetivação da (não) beleza na terceira idade

*Daniela POLLA*³²

*Pedro Luiz Navarro BARBOSA*³³

RESUMO: Na mídia, muitos discursos objetivam os idosos, alguns deles enunciando uma (não)beleza na terceira idade. Para perceber esta regularidade, foi realizada uma análise, por meio das contribuições teórico-metodológicas da análise de discurso de linha francesa foucaultiana, de notícia sobre a atriz Vera Fischer, do site *O Dia - Celebidades*. Assim, pode-se demarcar um discurso midiático que objetiva a beleza na terceira idade somente quando associada a características da juventude, sendo que quando, particularmente as idosas, apresentam características associadas à terceira idade são objetivadas como não-belas, ou “irreconhecíveis” como no caso de Vera Fischer.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Terceira Idade. Discurso. Michel Foucault.

ABSTRACT: In media, many resources objectify the elderly, some of them enunciating the absence of beauty at third age. In order to notice this irregularity, an analysis was carried out by means of many theoretical and methodological contributions by Foucault’s French Speech Analysis. The analysis comprised a news article about actress Vera Fischer, published by O Dia – Celebidades website. Hence, it is possible to highlight a media discourse that objectifies beauty at third age only when it is linked to youth characteristics. On the other hand, when particularly elderly women show characteristics associated to third age, they are objectified as not beautiful, or ‘unrecognizable’, as Vera Fischer was.

KEYWORDS: Media. Third Age. Speech. Michel Foucault.

³² Doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestre em Letras na UEM, Graduada em Comunicação Social – Hab. Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da UEM. E-mail: dpolla2@uem.br.

³³ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara, SP. Realizou estágio de pós-doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, SP. Leciona na Graduação em Letras e na Pós-Graduação em Letras da UEM. E-mail: navarro.pl@gmail.com.

1. Introdução

Na atualidade, discutem-se cada vez mais as questões referentes aos discursos que objetivam a terceira idade, inclusive objetivações materializadas no(s) corpo(s) dos sujeitos idosos. Dessa forma, o corpo aparece como superfície de discurso. Esse emprego do corpo como superfície para discursos carece de ainda mais atenção quando se pensa a questão do sujeito que é da terceira idade, que é mulher e que é celebridade.

Nesse sentido, a notícia “De cara lavada, Vera Fischer aparece irreconhecível ao embarcar no Rio”, publicada pelo site O Dia – Celebridade, do portal IG, no dia 06 de novembro de 2015, faz jus a um olhar analítico que busque pensar as questões relativas a um corpo discursivizado. Importa ressaltar que não se trata de um corpo qualquer, mas de um “corpo que se quer belo”. Isso porque, conforme será demonstrado no batimento descritivo-interpretativo, quando se acionam as condições de possibilidade e o campo associado sobre o sujeito-mulher-celebridade parece funcionar um discurso no sentido de que para ser considerado “celebridade” o corpo deste sujeito não deve deixar de ser “belo” (ou, em certo sentido, envelhecer), especialmente no caso de celebridades que constroem toda uma carreira com base no corpo belo, como é o caso de Vera Fischer. Porém, merece destaque o fato de que o funcionamento discursivo percebido nos comentários dos leitores do site em que a notícia circulou está em relação de contradição com o discurso do site sobre o sujeito-mulher-celebridade. Isto, na medida em que os comentários circundam a posição sujeito de que a atriz em questão apenas envelheceu e não que está “irreconhecível”, como aponta o título da notícia.

Para demonstrar tal funcionamento discursivo, é mobilizado o ferramental teórico-metodológico desenvolvido a partir do aporte fundante de Michel Foucault para a Análise de Discurso Francesa. Assim sendo, são mobilizados alguns termos conceituais que fundamentam o movimento analítico, tais como: referencial, posição sujeito, campo associado, materialidade, objetivação. (FOUCAULT, 2014). Compõem, igualmente, o embasamento teórico e metodológico as contribuições de Fischer (2012), Veyne (1998, 2009), Oksala (2011) e Bert (2013).

Os objetivos são: a) demonstrar analiticamente o funcionamento de um discurso sobre o corpo do sujeito-mulher-celebridade Vera Fischer que “se quer belo” na terceira idade; b) verificar de que forma o discurso sobre este sujeito funciona com posições sujeito diferentes quando se colocam lado a lado a notícia já mencionada e os comentários dos leitores desta; c) analisar questões relativas ao envelhecimento do sujeito-mulher-celebridade Vera Fischer na

notícia de O Dia – Celebidades; e d) demonstrar de que forma essa “condição” pode ser produtiva para que se pensem as condições de possibilidade e as objetivações que a materialidade da notícia e seus comentários colocam em circulação.

Assim sendo, na próxima seção são descritos os termos conceituais basilares das discussões realizadas, para, na seção três, ser realizado o movimento descritivo-analítico da notícia “De cara lavada, Vera Fischer aparece irreconhecível ao embarcar no Rio”, de O Dia – Celebidade, bem como os comentários dos leitores do site vinculado ao portal IG.

2. Sobre uma Análise de Discurso Foucaultiana

O desenvolvimento da Análise de Discurso francesa é recente, data dos anos 1960. No Brasil, essa linha de estudos seguiu duas direções diversas: de um lado, a partir das contribuições de Michel Pêcheux e, de outro lado, seguindo as contribuições teóricas e metodológicas das obras de Michel Foucault. É precisamente esta última direção que nos é cara e embasa as discussões. Isso posto, voltemos o olhar, inicialmente, para Michel Foucault e, depois, para a Análise de discurso foucaultiana.

Como explica Fischer (2012, p. 33), Michel Foucault é “um pensador na linha feiticeira”. Ele transitou em muitas áreas, escreveu *A História da Clínica*, *A História da Loucura*, pensando assuntos mais relacionados à área da Saúde; mas também escreveu *Vigiar e Punir* mais associado ao Direito e à Educação; que dizer então dos três volumes de *História da Sexualidade*? Atualmente, as mais diversas áreas utilizam o legado foucaultiano para embasar seus estudos. Mas, especificamente na área das Ciências Sociais e Humanas, de acordo com Bert (2013, p. 08), a obra de Foucault

Se operacionaliza (...) em torno de vários legados importantes: a exploração de novos objetos (loucura, medicina, sexualidade); a contestação de recortes disciplinares clássicos (filosofia e história; filosofia e literatura etc.); o questionamento da evidência de nossas práticas e de nossos saberes; a valorização da fala dos dominados e, talvez até em primeiro lugar, a recusa dos universais e do antropomorfismo.

Sempre contrário a qualquer rótulo, Michel Foucault nunca se declarou filósofo, historiador, estruturalista. “Foucault foi o intelectual mais avesso a etiquetas, o intelectual que jamais quis ficar num único e definido lugar: foi, em suma, um desviante (...). Ele se desviou não só do marxismo como também da moral burguesa, da intelectualidade francesa de então. (FISCHER, 2012, p. 35).

Pode-se afirmar que Foucault não criou uma teoria, ou um método, ou um saber. O que Foucault proporcionou com sua obra foi uma “caixa de ferramentas” (PEY; BACCA; SÁ, 2004, p. 17). Assim, acredita-se que

Foucault não ficaria nada satisfeito se falássemos nos instrumentos metodológicos do pensamento dele. Mas como eu entendo que método é um jeito de pensar e um jeito de olhar um objeto de conhecimento, por isso chamo então a arqueologia e a genealogia de instrumentos metodológicos que Foucault utiliza, ou seja, utilidades essenciais de uma espécie de “caixa de ferramentas” usadas para quebrar as palavras, extraíndo delas o que dizem, e quebrar as coisas, pondo à mostra suas visibilidades (PEY; BACCA; SÁ, 2004, p. 20).

Dessa forma, pode-se utilizar a obra de Michel Foucault em várias áreas, em várias direções, de várias maneiras pode-se apoderar-se desta “caixa de ferramentas” foucaultiana para realizar estudos, trabalhos, pesquisas, para desenvolver uma forma diferente de olhar. Uma dessas novas formas de olhar é aquela desenvolvida pela Análise de discurso foucaultiana no Brasil para problematizar seus objetos de pesquisa.

2.1 Uma Análise de Discurso Foucaultiana

A Análise de discurso desenvolvida a partir da obra de Foucault é uma análise enunciativa, que leva em conta práticas de saber e poder e analisa enunciados. “Poder, saber e sujeito (...), justamente os três conceitos fundamentais da obra de Michel Foucault” (FISCHER, 2012, p. 33). Baseado em práticas sociais, históricas, e, principalmente, discursivas, a análise foucaultiana formula uma pergunta fundante para lançar o olhar sobre seus objetos: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2014, p. 33).

Com a análise enunciativa foucaultiana busca-se, então, descrever regimes de verdade. Assim, com Fischer (2012, p. 43), pode-se questionar: “que verdades se constroem sobre os sujeitos? E de que modo eles se tornam sujeitos dessa verdade?” Com base nisto, se poderia perguntar: o que é ser um sujeito idoso na atualidade? O que é ser um sujeito idoso-celebridade e que se quer belo? Qual a verdade produzida nas práticas discursivas atuais a respeito da beleza na terceira idade?

Dessa maneira, com a análise de discurso foucaultiana pode-se questionar de que formas os objetos que conhecemos poderiam ser diferentes. Para Foucault, mostramos “como as coisas que consideramos óbvias e necessárias emergiram de fato de uma rede de práticas.” (OKSALA, 2011, p. 16). Importa considerar, também, que as análises discursivas foucaultianas são sempre históricas, que as práticas são sempre muito bem datadas, que “suas

histórias não tratam do passado, elas tratam de nós, hoje, e representam uma tentativa não só de mostrar como nos tornamos o que somos, mas também como poderíamos ter nos tornado alguma outra coisa.” (OKSALA, 2011, p. 18).

Essa característica histórica das práticas discursivas, de acordo com Veyne, é um dos principais pontos do trabalho com Foucault, na medida em que “a originalidade da busca foucaultiana está em trabalhar a verdade no tempo.” (VEYNE, 2011, p. 25). Dito de outro modo, só se pode pensar no limite das práticas de determinado momento histórico. A conhecida metáfora do aquário explica essa constituição histórica dos discursos e seus regimes de verdade

A cada época, os contemporâneos estão, portanto, tão encerrados em discursos como em aquários falsamente transparentes, e ignoram que aquários são esses e até mesmo o fato de que há um. As falsas generalidades e os discursos variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros. De modo que a verdade se reduz a um *dizer verdadeiro*, a falar de maneira conforme ao que se admite ser verdadeiro e que fará sorrir um século mais tarde. (VEYNE, 2011, p. 25)

Lembrando que quando se sai de um aquário é para “cair” em outro. Assim sendo, as coisas só são o que são nos limites das práticas discursivas de seu tempo. Mas, então, de onde vêm as mudanças das práticas discursivas? “Elas provêm simplesmente da causalidade histórica comum e bem conhecida, que move e modifica incessantemente práticas, pensamentos, costumes, instituições, em suma, todo o dispositivo, com os discursos.” (VEYNE, 2011, p. 59)

A proposta de Michel Foucault é, então,

não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como **práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos**. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2014, p. 60, grifo nosso).

Com base nisso, de acordo com Veyne (1998, p. 254), “o método consiste, então, para Foucault, em compreender que as coisas não passam das objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não às concebe.” É possível demonstrar as objetivações, esse “mais” que é preciso descrever, por meio da análise enunciativa descrita por Foucault em A Arqueologia do Saber (2014).

Na análise dos enunciados, não se vai além do discurso, nem se volta aquém dele, “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 59). Para formular e dar cabo a uma análise enunciativa é preciso, primeiramente, definir o que é um

enunciado. Foucault não define o enunciado como um conceito estático, mas como uma “função de existência”. Para o autor,

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2014, p. 105).

Essa “função de existência” pode ser analisada mediante a descrição de uma função enunciativa. “É esse modo de singular existência, característico de toda série de signos, desde que seja enunciada, que se trata agora de questionar.” (FOUCAULT, 2014, p. 106). Apontando quatro direções de análise, percebe-se que, para o autor, existirá função enunciativa – e, por consequência, um enunciado – todas as vezes que se puder descrever um referencial, uma posição sujeito, um domínio associado e uma existência material.

A respeito do referencial, Foucault (2014) considera que um enunciado não tem um correlato tal qual uma proposição, ou como um nome se refere a alguém, mas está antes ligado a um “referencial”. O qual

forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. (FOUCAULT, 2014, p. 110-111)

Além de um referencial, para que haja enunciado é preciso que seja possível descrever certo posicionamento. Mas, o sujeito de um enunciado não é necessariamente idêntico ao seu autor, ou a quem formulou uma frase. A posição sujeito de um enunciado é

uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos. (FOUCAULT, 2014, p.113)

Dito de outro modo, para descrever o posicionamento de um sujeito de um enunciado é preciso “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito”. (FOUCAULT, 2014, p. 116). Isto porque a posição sujeito “é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes.” (FOUCAULT, 2014, p. 115).

Uma vez descritos o referencial e a posição sujeito, um enunciado relaciona-se, sempre, a todo um domínio associado. Mas esse campo relacionado a qualquer formulação

para que ela possa ser considerada um enunciado é mais do que o contexto, ou do que uma memória, logo, “não basta dizer uma frase, nem mesmo basta dizê-la em uma relação determinada com um campo de objetos ou em uma relação determinada com um sujeito, para que haja enunciado -, para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-la com todo um campo adjacente.” (FOUCAULT, 2014, p. 118). Sendo assim, o campo associado de um enunciado “forma uma trama complexa”, e é constituído “de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento.” (FOUCAULT, 2014, p. 119). Porém, é mais do que isso,

É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere. (...) É constituído, ainda, pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência, sua sequência natural, ou sua réplica. (...) É constituído, finalmente, pelo conjunto das formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão, entre as quais toma lugar sem consideração de ordem linear, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro. (...) Pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular. (FOUCAULT, 2014, p. 119-120)

Por fim, para que haja enunciado, é preciso que ele possua uma existência material. Nas palavras do próprio Foucault, “para que uma sequência de elementos linguísticos possa ser considerada e analisada como um enunciado, é preciso que ela preencha uma quarta condição: deve ter existência material.” (FOUCAULT, 2014, p. 121) Essa materialidade característica dos enunciados

não é simplesmente princípio de variação, modificação dos critérios de reconhecimento, ou determinação de subconjuntos linguísticos. Ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade. (FOUCAULT, 2014, p. 123).

Sempre que for possível determinar esses quatro domínios, essas quatro direções da função enunciativa, pode-se afirmar que existe um enunciado. E, por meio da análise de enunciados “determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados.” (FOUCAULT, 2014, p. 146).

Assim sendo, na análise de discurso foucaultiana, trata-se sempre de ficar no nível do próprio discurso. A partir dele, determinar de que modo singular práticas discursivas determinadas formam objetos de discurso igualmente determinados. Isto se torna possível mediante uma arqueologia dos saberes, realizando a escavação dos níveis de cada prática

discursiva por meio da descrição da função enunciativa presente em cada sequência enunciativa efetivamente produzida.

Uma vez brevemente exposta a análise de discurso desenvolvida a partir do trabalho de Michel Foucault, bem como os conceitos fundantes que subsidiam a análise, na próxima seção passa-se a realização de um batimento descritivo-analítico a partir da análise de uma notícia a respeito da atriz Vera Fischer, materializada no portal O Dia – Celebridades, do site IG, e os comentários de internautas sobre a matéria.

3. Vera Fischer e a beleza na terceira idade

Conforme mencionado, o material de análise mobilizado é composto pela notícia³⁴ intitulada “De cara lavada, Vera Fischer aparece irreconhecível ao embarcar no Rio”, veiculada no site de notícias O Dia – Celebridades, vinculado ao portal de comunicação de massa IG, no dia seis de novembro de 2015. A página principal da notícia é composta pelo título, seguido da linha fina repetindo a mesma redação. Em seguida, vem o texto principal da notícia: “Rio - De cabelos molhados e cara lavada, Vera Fischer, 63, embarcou no aeroporto de Santos Dumont, no Rio de Janeiro, na tarde de sexta-feira, usando um vestido longo e totalmente irreconhecível. Simpática, a atriz, que já foi Miss Brasil, ainda parou para tirar selfie com fã. O último trabalho dela na TV foi na novela "Salve Jorge", de 2012.” Abaixo aparece uma foto semelhante àquelas de antes e depois da atriz, na esquerda uma fotografia da Vera Fischer jovem e maquiada, em comparação com a foto dela embarcando no Rio de Janeiro, fato que foi considerado noticiável pela editoria de Celebridades de O Dia. A legenda para a foto é: “Vera Fischer antes e depois: atriz foi fotografada de cara lavada no Rio, na sexta-feira (6)”.

Inicialmente, importa considerar alguns pontos a respeito da materialidade da notícia. Especialmente, no que se refere às questões institucionais do veículo no qual a notícia circulou, não se trata de um site qualquer e, sim, de uma editoria de um site noticioso que se destina exclusivamente a veicular informações sobre celebridades. Somente essa condição de emergência da notícia sobre a beleza de Vera Fischer já permitiria retomar no domínio associado enunciados que mostram que, quando se trata de celebridades, as informações não

³⁴Notícia disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2015-11-06/de-cara-lavada-vera-fischer-aparece-irreconhecivel-ao-embarcar-no-rio.html>> Acesso em: 29 fev. 2015.

são consideradas notícias, mas “fofocas”, haja vista os nomes de outros veículos noticiosos de celebridades, tais como: *Tititi*, *Caras*, *Quem*.

Igualmente, cabe destacar que o referencial desta sequência enunciativa não é qualquer objeto. Trata-se de veicular uma objetivação de que sujeito é Vera Fischer, de um sujeito que é mulher, que é celebridade e que construiu toda a sua carreira baseada em ideais de beleza. O que pode ser percebido retomando no domínio associado à informação de que Vera Fischer foi miss Brasil, das suas muitas capas de revista, desfiles, novelas. Informação que é reiterada no texto da notícia, no excerto em que a notícia de O Dia – Celebridades coloca: “Simpática, a atriz, que já foi Miss Brasil.” Essa formulação dada pela notícia circula e cria uma objetivação de que a atriz Vera Fischer, a qual atualmente – a luz do Estatuto do Idoso brasileiro – pode ser considerada como idosa, não tem mais a beleza do tempo em que foi eleita miss Brasil.

Ao mesmo tempo, essa mesma objetivação de que as celebridades idosas não podem mais ser consideradas Belas pode ser percebido no título da notícia, por meio do emprego do adjetivo “irreconhecível”. Dito de outro modo, esse adjetivo pode ser utilizado para afirmar que não é possível saber que Vera Fischer é a Vera Fischer, que ela está desfigurada, diferente do que era antes. Por outro lado, esse mesmo excerto parece ser contraditório, na medida em que se pode questionar: se a atriz estava irreconhecível, como foi reconhecida e “virou notícia”?

Parece, portanto, haver um funcionamento discursivo de que a terceira idade somente pode ser considerada bela quando mantiver as características associadas à juventude. Esta objetivação de que a beleza da terceira idade só é bela nos casos em que continuar “jovem” pode ser confirmada quando levantamos, no domínio associado dessa sequência enunciativa, o fato de que celebridades de faixa etária e carreiras semelhantes à de Vera Fischer são consideradas belas e quase que exemplos do modo como os sujeitos celebridades da terceira idade deveriam ser/parecer. Exemplos disso são as atrizes Bruna Lombardi e Maitê Proença, que aparecem em vários enunciados como ícones de beleza, “mesmo” na terceira idade.

A respeito dessas atrizes, pode-se perceber que elas mantêm certas características corporais geralmente associadas à juventude, a saber: cabelos loiros, com luzes e bem cuidados, pele sem rugas, com corpos bem cuidados e magros, dentre outras. A fotografia de Vera Fischer que ilustra a notícia demonstra justamente o contrário de tudo isto. Vera Fischer aparece com os cabelos grisalhos, descuidados, sem maquiagem, acima do peso e com rugas. Todas características da velhice e não da juventude como aquelas associadas às atrizes anteriormente mencionadas. Assim, talvez seja possível afirmar que existe uma objetivação de que beleza na terceira idade deve ser relacionada a ideais de juventude e procurando

mascarar as características naturais dessa faixa etária. De modo que Vera Fischer é “irreconhecível”, ao passo que Maitê Proença e Bruna Lombardi são ícones de corpo belo.

Tendo em vista ainda as questões formuladas na notícia de O Dia – Celebridade, chamam atenção os excertos: “Ainda parou para tirar selfie com fã” e “Antes e depois” (legenda da foto). O primeiro parece fazer funcionar uma posição sujeito de que Vera Fischer, não bastasse estar sem maquiagem e irreconhecível, ainda tem “coragem” de parar e tirar foto com fãs, o que relaciona essa celebridade a um posicionamento de quem tem orgulho de si, não se importa em ser considerada “de cara lavada” e “irreconhecível”. Já o segundo, associa duas imagens de épocas diferentes da vida de Vera Fischer, em situações igualmente diversas, o que cria uma objetivação de que a idade é “inimiga” da beleza, uma vez que, retomando o campo associado de imagens de antes e depois, verifica-se a que imagem do depois costuma ser melhor e, no caso da imagem que ilustra a notícia, o depois é pior. Assim, a notícia parece fazer circular uma posição sujeito segundo a qual a idade não faz bem para a beleza e que, caso a celebridade envelheça, não deve mais aparecer em público e “ainda” tirar fotografias.

Porém, os comentários que seguem a notícia estão em relação de contradição com esta posição sujeito de que a terceira idade não pode ser considerada bela. Foram selecionados os comentários postados na aba específica do portal O Dia – Celebridades, arquivados até às 16 horas, do dia 10 de novembro de 2015.

Uma das leitoras do site comentou: “Seus abobados, quem não quiser envelhecer vai subir a lomba mais cedo.” Essa sequência enunciativa demarca uma posição de quem concorda que mudar faz parte de envelhecer, é característico da idade, até mesmo para celebridades. Mas parece que ao enunciar “irreconhecível” e “ainda tirou selfie” o discurso de O Dia – Celebridades remete a um referencial de que as celebridades ou saem lindas, jovens e produzidas ou devem ficar em casa. Referencial que causa a discordância da leitora, na medida em que o vocativo “seus abobados” demarca a discordância da redação de O Dia – Celebridades mostra um sujeito que não estaria irreconhecível, apenas envelhecendo, um processo quase que “natural”.

Levando em consideração a materialidade em que a notícia circulou, é interessante notar o comentário de outra leitora: “Tah!! E.....???! O q é q tem isto de interessante? So pq é uma pessoa pública é obrigada a viver produzida 24 horas por dia!?” Quando a leitora questiona: o que isso tem de interessante? Parece criticar os próprios critérios de noticiabilidade de O Dia – Celebridades, na medida em que considera um embarque no aeroporto não seria uma informação relevante e noticiável. Além disso, quando a leitora pergunta sobre a necessidade da celebridade ficar produzida o dia todo, parece retomar a

objetivação, presente no domínio associado, de que as pessoas públicas devem estar sempre belas e arrumadas, independentemente da idade.

Outro comentário de leitor relaciona-se com a imagem que ilustra a notícia: “Só faltava essa. Pegam uma foto dela com 20 anos, colocam lado a lado com uma de 60 e querem que pareça igual. Daí dizem que aparece ‘irreconhecível’. Para quem? Só se for pro débil mental do repórter que acha que as pessoas tem que ficar no formol.” Esse comentário remete novamente ao campo associado de que a fotografia do depois deveria ser melhor, mas também mostra uma posição sujeito de que o idoso para ser bonito não “tem que ficar no formol”, contrariando a posição presente na notícia, segundo a qual a mulher-celebridade não pode envelhecer, só pode ser considerada bela se estiver jovem, maquiada e produzida. Além disso, a parte em que comentário expressa “Daí dizem que aparece ‘irreconhecível’. Para quem?” dá visibilidade a um posicionamento segundo o qual Vera Fischer não está irreconhecível, apenas envelheceu. Nesse sentido, tem-se novamente a contradição entre a redação da notícia e os comentários dos leitores.

Tendo em vista o fôlego restrito de um artigo, não serão descritos e analisados todos os comentários. Porém, considerando o comentário 1 que contradiz o conteúdo da notícia e o comentário 2 que critica os critérios de noticiabilidade de O Dia – Celebidades, bem como o comentário 3 que contradiz a imagem que ilustra a notícia, pode-se perceber duas objetivações diferentes de beleza na terceira idade. Para o veículo midiático, a mulher-celebridade-idosa somente pode ter beleza se associada a características da juventude, ao passo que para os comentadores parece que o belo é envelhecer.

4. Considerações finais

Diante do exposto, parece possível afirmar que a notícia de O Dia – Celebridade circula um funcionamento discursivo de que a mulher-celebridade-idosa – como é o caso de Vera Fischer – será considerada bela na medida em que mantiver as características da juventude, caso deixe aparecerem as características da terceira idade passa a ser considerada como “irreconhecível”, dito de outro modo, deixa de ser o “corpo que se quer belo” e passa para um nível de não reconhecimento da celebridade. Isto porque, mobilizando objetivações do campo associado sobre outras celebridades da terceira idade, percebe-se que a beleza na terceira idade deve ser constituída por uma busca pela manutenção das características da

juventude. Uma vez que tais características são perdidas, passa-se a considerar a atriz “irreconhecível” e não bela, criando a objetivação de uma não-beleza da terceira idade.

Ao contrário, as posições sujeito dos comentários demonstram uma objetivação de que essa mudança é características dessa faixa etária e deve ser reconhecida como tal. Assim, marcam uma contradição a redação de O Dia – Celebridade. Possivelmente, essa discordância se deva às características específicas da materialidade da notícia. O fato de ser uma editoria própria para informar a respeito de celebridades permite retomar um domínio associado de que esse tipo de site específico divulga não notícias, mas entretenimento, fofocas. Assim, o fato de Vera Fischer ser uma celebridade exige da atriz certos modos de existência e cuidado com o corpo que não seriam exigidos caso ela fosse uma idosa não famosa.

A análise aqui realizada demonstra a necessidade de estudos mais aprofundados que permitam a compreensão das complexas tramas discursivas que demarcam o que é ser idoso na atualidade, em particular quando os sujeitos objetivados pertencem à esfera pública, o que acaba por acentuar ainda mais a espetacularização do corpo belo, em detrimento de um suposto corpo feio, nos moldes das práticas discursivas midiáticas, como a que foi aqui recortada e descrita.

REFERÊNCIAS

- BERT, J. **Pensar com Michel Foucault**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.
- FISCHER, R. M. B. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- PEY, M. O.; BACCA, A. M.; SÁ, R. S. **Nas pegadas de Michel Foucault: apontamentos para a pesquisa das instituições**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- VEYNE, P. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria A. Kneipp. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- _____. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.